

Notícia bio-bibliográfica sobre Carlos Teixeira (1910-1982)

por *Francisco Gonçalves*¹

Dada a dimensão da sua obra, extensa e valiosa, não é possível, nesta simples notícia, reunir tudo sobre o notável geólogo que foi Carlos Teixeira; referir-me-ei apenas aos aspectos mais salientes da sua actividade científica multifacetada.

Carlos Teixeira levou vida de verdadeiro sarcedócio, inteiramente dedicada ao estudo, à investigação, à docência e preparação de futuros geólogos e professores, sobretudo, através do patrocínio dado a numerosos doutoramentos.

Carrington da Costa definiu, assim, o perfil deste geólogo ilustre: «alma nobilíssima, de forte personalidade, tão senhor da sua palavra, tão sincero, tão duro talvez quando convicto da sua razão, mas sempre actuando com a maior lealdade, amigo seguro e reconhecido ao máximo, capaz de todas as dedicações, de todas as renúncias. De fecunda actividade, de persistência pouco vulgar, dotado de vontade que nenhuma dificuldade quebranta, para ele nunca contam os sacrifícios pessoais de qualquer ordem». Foi assim Carlos Teixeira até ao fim da sua vida, interrompida repentinamente em 7 de Junho de 1982, quando preparava - privado da visão - o segundo volume da sua obra monumental sobre Geologia de Portugal.

Carlos Teixeira nasceu em Aboim, Fafe, em 23 de Setembro de 1910. Foi baptizado na igreja de Aboim, educado catolicamente e posto a frequentar os estudos por seu tio Padre José Teixeira. Sua mãe acompanhou-o sempre, carinhosa e dedicadamente.

Fez a instrução primária em Redondelo, na escola de Casas Novas (Chaves). De início, enquanto pequenino, seu tio ensinava-lhe a lição em casa, sobretudo, a leitura. Embora, às vezes, distraído, foi, no entanto, aluno aplicado e estudioso, o melhor da classe.

A certa altura, o professor Sr. João Pereira adoeceu e Carlos Teixeira teve de ir para a escola de Rebordelo, cuja professora, embora já de idade, era simpática. Pô-lo a ensinar os alunos mais atrasados. Esta escola ficava a alguns quilómetros de Redondelo.

Fez exame de admissão ao liceu, em Chaves. O Sr. João Pereira, já recuperado da sua enfermidade, deu-lhe lições até próximo do exame. Ficou bem classificado.

Frequentou o liceu de Chaves até ao 6.º ano. Depois transitou para Braga. Foi aluno razoável. Em todo o curso liceal apenas teve uma nota negativa, um «9», no 2.º ano, a português, que Carlos Teixeira, aliás, considerava injusta.

Concluído o 7.º ano dos liceus em Braga, em 1927, matriculou-se na Universidade do Porto, na licenciatura em Ciências Histórico-Naturais. Inicialmente, Carlos Teixeira fazia, então, o propósito de seguir o curso de Medicina, pois, nele, iria encontrar os colegas do liceu. No entanto, este curso tinha a duração de seis anos enquanto que o de Ciências Histórico-Naturais era de quatro anos. Foi em virtude das suas dificuldades económicas que se viu compelido a optar por esta licenciatura.

Para se manter no Porto fez serviço de perfeito no Colégio da Boavista e, mais tarde, no Colégio Universal. Embora com muito sacrifício concluiu a licenciatura em 4 anos depois, em 1932-1933. Obteve bons resultados tendo alcançado a classificação final de 15 valores.

Os professores que teve na Faculdade de Ciência, foram: Sousa Pinto, Paulo Ferreira, Gonçalo Sampaio (grande botânico por quem foi sempre altamente classificado), Augusto Nobre, Mendes Corrêa (professor de Geologia, de. Geografia Física e de Antropologia, com o qual aprendeu a trabalhar em arqueologia prehistórica), Américo Pires de Lima, Rui de Serpa Pinto (assistente com quem realizou as primeiras excursões de campo) e Mendonça Monteiro. Teve como colegas, Amílcar Mateus, Arnaldo Roseira, Emília Oliveira, Maria Irene Leite da Costa, Maria Branca Pereira, Fernando Teixeira, António Barros Machado. Florinda Machado, Mário Veríssimo, Flávio Resende, Maria José Moura Machado, Maria José Cardoso, Rosa Castanho, etc.

No ano seguinte foi assistente livre de Botânica e entrou para o internato do Liceu de Braga. Ali dava lições e explicações aos alunos. Entretanto, foi-se preparando para seguir a carreira de Professor do Liceu. Nesse sentido matriculou-se no curso de Ciências Pedagógicas da Universidade de Coimbra que concluiu com bom resultado.

Em 1937, foi convidado pelo Prof. Rosas da Silva, para naturalista do Museu e Laboratório Mineralógico e Geológico da Faculdade de Ciências do Porto, para que foi nomeado pouco depois, para a vaga deixada por Carrington da Costa.

Integrado nas funções de Naturalista o primeiro trabalho que lhe foi dado, foi fazer verbetes de fósseis, tarefa assaz desoladora, mas que levou a cabo.

¹ Departamento de Geologia, Faculdade de Ciências, R. Escola Politécnica, 1294 Lisboa Codex.

Carlos Teixeira ficou a dever a Rosas da Silva a sua orientação para as Ciências Geológicas. Mas como a sua melhor preparação era em Botânica e Antropologia cedo se orientou para a Paleobotânica. Foi desta maneira que escolheu a profissão de geólogo, embora reconhecesse e sentisse que a preparação que adquirira na Universidade não era muito sólida. No entanto, a sua escolha, segundo confessa nas suas memórias, teria sido antes para os domínios da Arqueologia, em particular, Arqueologia castreja de que almejava levar a cabo o inventário dos castros do Minho e realizar a história deste território durante a época da chegada da invasão romana. Nesse sentido, enquanto esteve em Braga, nos dias feriados e nas horas vagas dedicou-se à exploração do Castro Maximo, situado muito próximo do liceu, onde recolheu espólio abundante que descreveu em artigo publicado em 1936. Ao mesmo tempo visitou quase todos os castros das cercanias. O seu primeiro artigo de Arqueologia incidiu sobre a descrição de «um peso bizantino de Braga», publicado na revista Alto Minho, de Viana do Castelo.

Depois de uns anos de trabalho como naturalista, começou a ocupar-se de fósseis vegetais do Carbónico, realizando colheitas em São Pedro da Cova e Midões e indo, frequentemente a Lisboa, ver as colecções dos Serviços Geológicos de Portugal e do Museu. Mineralógico Geológico da Faculdade de Ciências.

O Prof. Celestino da Costa, presidente do Instituto de Alta Cultura, veio a certa altura ao Porto, contactar com os candidatos a bolseiros para o estrangeiro. Carlos Teixeira tinha solicitado bolsa para ir estudar Paleobotânica para Lille, trabalhar com o Prof. P. Bertrand, grande especialista de Paleobotânica do Carbónico. Entretanto, foi-lhe concedida a bolsa e no outono de 1938, em plena guerra de Espanha, partiu para Lille, de comboio, acompanhado de grande mala, cheia de fósseis. Note-se que tanto Rosas da Silva como Carrington da Costa tinham dado informações excelentes para a concessão da referida bolsa.

Em Lille, Carlos Teixeira trabalhou afincadamente. O seu trabalho no Instituto de Geologia avançou sem dificuldades. Concluiu a classificação e o estudo dos fósseis que levava. Tomou notas bibliográficas. Deste modo concluiu a sua tarefa antes do prazo marcado inicialmente. Pediu autorização para regressar. Deslocou-se, também, à Bélgica onde contactou com alguns paleobotânicos belgas, entre os quais S. Leclerc. Quando regressou publicou várias notas sobre vegetais e insectos do Carbónico dos arredores do Porto e ficou a ser bolseiro no País do Instituto de Alta Cultura.

O Prof. Carrington da Costa a quem lhe ligavam já laços de amizade que nunca desfaleceu, aconselhou-o a preparar o doutoramento. Foi reunindo elementos, juntando materiais para um trabalho de síntese sobre o Carbónico continental português. Além de São Pedro da Cova, Midões e Pejão, realizou visitas e colheitas de fósseis no Buçaco e em Santa Susana. Ao mesmo tempo tomou contacto com diversos problemas geológicos em excursões com Orlando Ribeiro e Georges Zbyszewski.

Por ser amigo de Carrington da Costa, Carlos Teixeira ganhou a inimizade do Prof. Rosas da Silva, tendo aguentado, durante anos, a hostilidade dele. No entanto, isso não o impediu de requerer o doutoramento. Fez as provas, em 1945; foi aprovado por unanimidade do júri. Como dissertação apresentou o «Antracólítico continental português».

Mais tarde, em Conselho, o Prof. Carrington da Costa propôs que fosse dada a Carlos Teixeira a regência da cadeira de Paleontologia o que levou a oposição do Prof. Rosas da Silva. Decidiu, por isso, deixar a Universidade do Porto. Concorreu ao lugar de 1.º assistente em Lisboa. Todavia, Carlos Teixeira reconheceu que, sem o convite de Rosas da Silva para naturalista do Museu, certamente não se teria dedicado às Geociências. Teria enveredado, antes pela Botânica ou pela Arqueologia.

Em 1946, foi contratado como 1.º assistente da Universidade de Lisboa onde realizou, em 1948, provas de agregação. Apresentou, então, como dissertação a obra intitulada «Flora mesozóica portuguesa». Mais tarde, em 1950, foi nomeado, após concurso de provas públicas, professor catedrático da mesma universidade.

Em 1952 foi eleito sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa onde, a partir de 1960, ocupou a cadeira n.º 20 que pertencera ao seu Mestre e Amigo Prof. Mendes Corrêa.

Em 1955 ingressou na Real Academia das Ciências Exactas, Físicas y Naturais de Madrid. Foi sócio, ainda, de outras sociedades científicas nacionais e estrangeiras.

Com o intuito de incrementar os estudos geológicos no País, Carlos Teixeira decidiu fundar, em 1940, a Sociedade Geológica de Portugal. Pediu, para isso, o apoio do Prof. Carrington, da Costa, então professor catedrático da Faculdade de Ciências do Porto e de outras individualidades.

Desde logo, começou a publicar-se o Boletim da Sociedade Geológica de Portugal. Embora esta publicação tivesse custado muitos sacrifícios e dinheiro a Carlos Teixeira, ela manteve-se ininterruptamente até agora e constitui, sem dúvida, valioso contributo para a renovação dos estudos geológicos em Portugal.

Na qualidade de Professor e de Director do Centro de Estudos de Geologia da Faculdade de Ciências de Lisboa, aliás, desde a sua fundação pelo I.A.C., em 1956, Carlos Teixeira não só promoveu e dinamizou a revisão da maior parte dos problemas geológicos do País como apoiou a formação de diversos geólogos que muito têm contribuído para o avanço da Geologia portuguesa.

Carlos Teixeira representou o País em diversas reuniões internacionais, por exemplo, Congresso Geológico Internacional de Copenhague (1964), Congresso Geológico Internacional de Praga (1968), etc.

A convite da Universidade de Brasília participou no 23.º Congresso Brasileiro de Paleontologia, no Rio de Janeiro. Além destes, participou em muitos outros congressos e reuniões científicas.

Durante muitos anos, Carlos Teixeira dedicou-se ao estudo e observação da Geologia do território português. Foi, certamente, nos domínios do Sistema Carbónico que Carlos Teixeira deu mais extensa contribuição para o conhecimento geológico e paleontológico dos terrenos portugueses do Maciço Hespérico. Como se disse, escolheu este assunto para tema de dissertação de doutoramento. Com efeito, inventariou a flora fóssil do Carbónico português, bem como a fauna límnic e outra nele existentes. Primeiro, ocupou-se da flora de Valdeão, S. Pedro da Cova, Germunde, Pejão, seguidamente, de Laundos, Alvarelos e Ervedosa. Mais tarde, estudou as floras de Santa Susana e do Buçaco. Isso permitiu-lhe, com as colecções existentes nos Serviços Geológicos e as suas colheitas, reconstituir a flora geral do Carbónico português.

Pode verificar pelo exame da flora do Carbónico de São Pedro da Cova a existência de dois andares, o Vestefaliano D e o Estefaliano médio. Mais tarde, veio a admitir a hipótese da existência naquela jazida do andar Cantabriano. Rectificou a posição estratigráfica do afloramento do Buçaco que atribuiu ao Estefaliano D. Estudou os vegetais carreados do Carbónico de fácies marinha. Dedicou alguns estudos à paleontologia da fauna límnic carbónica (lamelibrânquios e branquiópodes).

Carlos Teixeira debruçou-se, também, sobre as restantes formações ante-mesozóicas pertencentes à parte portuguesa do Maciço Hespérico.

Quanto aos terrenos do Complexo xisto-grauváquico mereceram-lhe especial atenção os conglomerados intraformacionais do mesmo.

No respeitante ao Câmbrico, reviu a fauna fóssil do afloramento de Vila Boi m.

Nos terrenos ordovícicos chamou a atenção para as assentadas conglomeráticas da base do sistema e para a discordância angular entre este e o Complexo xisto-grauváquico.

A descoberta de *Neseuretuss* sp. nos xistos quiastolíticos da praia da Amorosa (Viana do Castelo) permitiu atribuir-lhes idade ordovícica

No que se refere ao Silúrico, Carlos Teixeira caracterizou e pôs em destaque os níveis fanáticos e as faunas graptolíticas neles existentes. Verificou, na região minhota, o prolongamento dos xistos graptolíticos até ao rio Minho e sua continuação para Espanha.

Do Devónico, entre outros trabalhos, estudou a flora do sinclinal de Glória-Barrancos.

O reconhecimento geológico e cartografia de áreas extensas do Maciço Hespérico foi-lhe facilitado pela nomeação, em 1944, para colaborador dos Serviços Geológicos de Portugal e, posteriormente, também para vogal da Junta de Energia Nuclear. Isso permitiu-lhe realizar obra de vulto, sobretudo, no domínio da cartografia geológica.

Pode dizer-se que Carlos Teixeira visitou, no território português, todos os locais de maior interesse geológico. Isso permitiu-lhe acumular materiais e reunir observações de campo, realizando, assim, estudos diversos de revisão e actualização de conhecimentos. Foi precisamente a soma de dados, recolhidos pacientemente, durante tantos anos que lhe permitiu realizar, por fim, trabalhos de síntese sobre a geologia do País.

Carlos Teixeira não se quedou apenas no estudo dos terrenos do Maciço Hespérico; voltou-se, também, para as formações meso-cenozóicas das orlas ocidental e meridional portuguesas. Entre os diversos estudos que realizou nestas áreas, sobressaem os trabalhos de revisão e inventariação das floras mesozóicas e cenozóicas portuguesas.

Os seus trabalhos de investigação não se confinaram ao território metropolitano, estenderam-se, igualmente, aos antigos territórios ultramarinos.

Como chefe da Missão Geológica do Estado da Índia, visitou demoradamente os territórios de Goa, Damão e Diu, tendo contribuído de modo decisivo para o conhecimento geológico dos mesmos. Estes trabalhos foram interrompidos pela invasão indiana. Dentre os vários temas que abordou, mereceu-lhe especial atenção o problema das laterites de Goa.

Quanto aos territórios do Angola e Moçambique, que visitou também, publicou diversos estudos, principalmente, sobre a flora e fauna do Karroo da África portuguesa.

Como Professor da Universidade de Lisboa, vogal da Junta de Investigações do Ultramar e dirigente do Laboratório de Estudos Petrológicos e Paleontológicos deu incremento notável no ultramar aos diferentes ramos das Geociências. A sua acção dinamizadora incidiu em especial, sobre o território angolano, através do apoio dado à Universidade de Luanda, ao Instituto de Investigação Científica de Angola e aos Serviços da Geologia e Minas.

Carlos Teixeira preocupou-se, também, com os problemas de geologia que interessam, simultaneamente, a Portugal e Espanha, em particular, com as discontinuidades geológicas nas regiões fronteiriças. Com o objectivo de resolver definitivamente estas e outros problemas, sobretudo de ordem estratigráfica, organizou e participou activamente nas reuniões de geologia do Noroeste e Sudoeste peninsulares, que acabariam por se fundir nas do Oeste peninsular; mais recentemente, participou também na Reunião de Ossa-Morena que congrega, igualmente, geólogos dos dois países.

No âmbito destas reuniões científicas, realizadas tanto em Portugal como em Espanha, foram editados os mapas do Noroeste e do Sudoeste peninsulares.

A consideração em que foi tido, tanto no País como no estrangeiro, sobretudo como Paleontólogo, pode ajuizar-se pelas espécies novas para a Ciência que lhe foram dedicadas por especialistas eminentes de diversas nacionalidades.

Em face do empobrecimento contínuo do património natural, Carlos Teixeira pôs todo o empenho na sua defesa e preservação. Referia-se, com frequência, à onda avassalante da «pinheirização» e da «eucaliptização» do País, que afogou e destruiu os belos e verdejantes bosques de carvalhos, freixos, medronheiros e outras árvores da flora espontânea portuguesa.

Interessou-se seriamente pela criação e defesa de parques naturais e conservação dos monumentos prehistóricos, em grande parte, ao abandono.

Convém mencionar, por fim, a actividade de Carlos Teixeira na difusão e ensino das Ciências Geológicas, sobretudo através da Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais, de cujos corpos gerentes fez parte. Deu impulso decisivo e valiosa colaboração às publicações por ela editadas e promoveu, no seu âmbito, excursões de estudo, cursos de extensão universitária, conferências, seminários, etc.